 ISBN: 978-85-87942-61-6

GT 065. Trajetórias de acadêmicos indígenas, negros e quilombolas: impactos presentes e perspectivas de futuro

Ugo Maia Andrade (Universidade Federal de Sergipe) - Coordenador/a, Osmundo Santos de Araújo Pinho (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia) - Coordenador/a, Florêncio Almeida Vaz Filho (UFOPA) - Debatedor/a, Maria Rosário Gonçalves de Carvalho (Programa Pós-Graduação Estudos Étnicos e Africanos; Programa Pós-Grdauação em Ciências Sociais) - Debatedor/a O acesso ? universidade suscitou novas perspectivas para segmentos socialmente minorit?rios, a exemplo de ind?genas e quilombolas, e mesmo negros (pretos e pardos) urbanos, cujos indiv?duos ascenderam ao ensino superior como realiza??o pessoal e/ou estrat?gia coletiva. Todavia, se ainda persistem in?meros obst?culos ? sua perman?ncia na academia, percursos acad?micos de ?ndios, negros e quilombolas t?m sido constru?dos na contram?o das adversidades. Pretende-se reunir, neste GT, comunica?es atentas aos efeitos dessas trajet?rias sobre coletivos ind?genas, negros e quilombolas, buscando-se responder a quatro quest?es b?sicas: [1] at? que ponto o acesso ? universidade p?blica tem auxiliado na consolida??o/forma??o de uma autonomia e protagonismo ind?gena, negro e quilombola em um cen?rio de deteriora??o gradual de direitos? [2] Em que sentido a produ??o acad?mica e pol?tica desses atores sociais tem feito diferen?a em rela??o ao que, antes, j? se produzia? [3] Quais os novos olhares e perspectivas trazidos por estes novos intelectuais ind?genas/quilombolas/negr@s? [4] Que repercuss?es t?m sido produzidas, nos coletivos de origem, pela ascens?o de ind?genas e quilombolas/negr@s ao ensino superior em n?veis de gradua??o e p?s-gradua??o?

Os sentidos da vivência universitária: circulação de conhecimentos e engajamentos em uma periferia urbana do Rio de Janeiro

Autoria: Juliana Athayde Silva de Morais

A recente descentralização e expansão do ensino superior público no Brasil suscita diversas questões, não apenas relacionadas ao acesso à universidade, mas também ao processo de consolidação de instituições nas periferias urbanas e no interior do país. A intenção deste work é apresentar reflexões da pesquisa de doutorado em andamento sobre os significados da vivência universitária em três instituições de ensino superior público da Baixada Fluminense, região metropolitana do estado do Rio de Janeiro composta por treze municípios. Permeada por estigmas comumente associados a periferias urbanas, como os referentes a criminalidade e precariedades em geral, a luta pela valorização da memória e cultura da Baixada Fluminense soma-se às reivindicações por melhorias educacionais na região, mobilizando diversos atores sociais desde, principalmente, a década de 1980. A atual ampliação do acesso de estudantes moradores da região, que possui maioria populacional negra, à educação superior pública no próprio território guarda significados que demandam ser compreendidos. Afinal, quais efeitos são produzidos pelo ingresso de sujeitos periféricos à universidade pública na periferia? Quais impactos essas instituições trazem para o território em que se localizam? O campo da pesquisa tem sido realizado em três instituições: o campus de Duque de Caxias da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FEBF/UERJ); o campus Nilópolis do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ/CNIL); e o campus Nova Iguaçu da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (IM/UFRRJ). A partir de entrevistas com docentes, discentes, análise da produção acadêmica e de eventos realizados nos campi, venho refletindo sobre como a experiência universitária periférica (ainda que múltipla e diversa) é

 ISBN: 978-85-87942-61-6

atravessada por conflitos, ambivalências e resistências que refletem as atuais transformações no ensino superior do Brasil. A inclusão social de estudantes historicamente excluídos do espaço universitário e a descentralização dos campi parece aglutinar contradições que vêm sendo expostas na realidade acadêmica brasileira na última década: a universidade enquanto lugar de silenciamento, colonialidade e constrangimento, é também espaço de enunciação, emancipação e pertencimento. É objetivo deste work entender como o lugar periférico ocupado pelas instituições estudadas parece potencializar dimensões políticas e subjetivas da experiência universitária, evidenciando nexos entre a produção de conhecimento e a produção de engajamentos, onde tanto os corpos, docentes e discentes, quanto a realidade social local imprimem suas marcas no work intelectual.

Trabalho completo

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero , de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA)e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização: **Apoio:** **Organização:**